

Escrever *para quem?*

Estudo sobre a poesia de Ana Cristina Cesar em *A teus pés*

Mariana Cobuci Schmidt Bastos

Resumo

A partir da análise da forma dos poemas e prosas que constituem *A teus pés*, nota-se uma escrita obcecada pela resposta impossível à pergunta “para quem se escreve?”, questionamento que a própria Ana Cristina Cesar se lança e afirma ser um momento importante de sua produção. A obsessão pelo interlocutor, que perpassa o conjunto de livros que é *A teus pés*, confere à obra a feição de projeto, de pesquisa formal disparada por uma questão metafísica, pesquisa que carrega, também, a vontade de mudança ou pelo menos de balanço das relações que, comumente, se estabelecem com a poesia. A forma do texto em Ana Cristina, que é ressaltada pela crítica pela sua fragmentação, não é tratada aqui como reflexo de um eu cindido, mas sim como resultado formal dessa busca desesperada pelo outro, fazendo de *A teus pés* não o espaço para a construção da subjetividade mas da intersubjetividade.

Palavras-chave:

Ana Cristina Cesar; *A teus pés*; interlocutor; obsessão; poesia

¹ Bacharela em Letras (FFLCH-USP) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (FFLCH-USP). *E-mail*: mariana.cobuci@gmail.com.

“A grande questão é escrever *para quem?*”, lemos pela letra de Ana Cristina Cesar, em um manuscrito rabiscado de 1980². A essa altura a poeta já havia publicado as edições independentes de *Cenas de abril* (1979), *Correspondência completa* (1979) e *Luvas de pelica* (1980). Dois anos depois daquela pergunta, a autora publicava, por uma editora de grande circulação, *A teus pés*, obra que reúne os três livros anteriores e um livro inédito, intitulado, também, *A teus pés*.

Livros dentro de livro. *A teus pés*: ali, ao mesmo tempo em que se preserva a autonomia das obras alocadas (as capas de cada edição estão reproduzidas, marcando bem onde começa uma e termina outra), há um nome que se sobressai, que recobre todo o conteúdo, e, sendo esse título o mesmo escolhido para anunciar os poemas inéditos, não parece absurdo considerar esses quarenta e um novos poemas uma espécie de arremate. A dúvida é, então, o que permite essa conformação, o que percorre todos esses textos, o que sugere esse desfecho.

A pergunta que Ana Cristina lança no manuscrito de 1980 ela também levanta em alguns de seus textos de crítica literária, textos sobre seu trabalho como tradutora, em certas falas que proferiu à época do lançamento do livro. A autora afirma que a questão do interlocutor, de *para quem se escreve?*, marcou parte importante de seu trabalho. No entanto, a resposta exata para essa pergunta, como logo Ana Cristina Cesar percebeu, certamente pelo convívio tão próximo com a literatura, é impossível. A poeta, que exerceu intensa atividade jornalística e editorial, sabia que a poesia traz em si uma comunicabilidade que opera em outra ordem, muito mais complexa.

Em *A teus pés* o leitor é convidado pelo tom, pela sensação confidencial de seus versos. Porém, ao mesmo tempo em que o sujeito lírico parece sugerir alguma proximidade, ele anuncia, pela forma do texto, a impossibilidade de qualquer aproximação. Ana Cristina, diferente de Manuel Bandeira, parece duvidar da possibilidade de transmitir “fatos poeticamente expressivos” através de poemas (CANDIDO, 1989, p. 52). Com certeza não por duvidar do poder expressivo da poesia, mas por duvidar da natureza dos fatos

2 CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 415.

transmitidos por ela. Parece que se há fatos a serem expressados ali, não serão fatos da intimidade, da proximidade, ou mesmo de uma realidade concreta do sujeito lírico, mas fatos da linguagem, fugidios e incertos como a própria noção metafísica de “intimidade”.

Mas a poeta insistiu na dúvida, *escrever para quem?*, pelo “horror ao ‘leitor ninguém’ de que fala Cabral” (afirma Ana Cristina Cesar no já citado manuscrito) desenvolveu um trabalho que, de livro em livro, leva ao limite essa questão tão cara aos escritores e, principalmente, aos escritores de poesia.

Sem resposta exata, a pergunta continuava a interessar por ser produtiva, isto é, por possibilitar, na tentativa de uma resposta, diferentes construções formais. A análise atenta à forma dos poemas e prosas que compõem *A teus pés* revela a escrita cada vez mais obcecada de Ana Cristina. Por essa espécie de gradação, de ida ao limite direcionada pela mesma pergunta sem resposta, é que essa obra da poeta pode ser lida como um projeto, que evidencia a capacidade da autora em se manter fiel a uma questão, um projeto em que a grande preocupação é uma preocupação formal (disparada por uma questão metafísica), uma preocupação com a materialidade do texto.

O levantamento das mudanças formais que acontecem à cada poema e prosa, e, principalmente, à cada livro, não cabe no espaço limitado deste trabalho. Além dessa limitação espacial, há também o fato de a pesquisa não estar concluída, o que impossibilita análises mais precisas, de maior fôlego. Cabe aqui, desse modo, apontar que, de *Cenas de abril* a *A teus pés*, há um aumento muito significativo, por exemplo, de pronomes pessoais, determinantes demonstrativos e marcadores temporais na composição dos textos, ao passo que acontece um corte brusco no uso de nomes próprios e referências literárias mais explícitas. Observa-se, ainda, uma preocupação cada vez mais intensa com o ritmo, marcada não só pela métrica como pela pontuação. (A pontuação surge nos últimos poemas, na ênfase no uso dos dois pontos e da interrogação, como uma maneira de abandonar o gênero das cartas e do diário, fortemente presentes nos livros anteriores, sem perder a tensão que é a proposta do conjunto, a busca mais ou menos falida por um interlocutor).

*

A diferença pela qual Ana Cristina Cesar foi sempre destacada, quando comparada aos seus colegas “marginais”, parece resultar de sua atenção às questões formais, que, em *A teus pés*, parecem derivar da mencionada vontade de estender ao máximo uma pergunta. O destaque que a poeta recebe se dá pelo reconhecimento de sua escrita menos debochada, mais intelectualizada, exigente quanto à iniciação literária de quem a lê, diante do que se produzia no contexto dos anos 70.

Salienta-se, contudo, que, ao afirmar sistematicamente a sua excepcionalidade, a crítica acaba por possibilitar uma certa mitificação de Ana Cristina. Nesse sentido, a construção do mito parece ainda mais favorável à medida em que os autores se valem, como fundamentação teórica para a análise desse trabalho poético, das questões elaboradas por pensadores pós-estruturalistas como Roland Barthes, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Félix Guatarri e Maurice Blanchot.

A ideia pós-estruturalista de abertura infinita garantida pela separação entre significante e significado, em que “cada signo na cadeia de significação está, de alguma forma, marcado e influenciado por todos os outros, vindo a formar um emaranhado complexo que nunca se esgota” (EAGLETON, 2006, p.177), serviu bem às análises feitas à poesia de Ana Cristina Cesar, uma vez que em *A teus pés* o sujeito lírico “parece apontar, em meio à própria exibição, para descentramento inevitável” (SÛSSEKIND, 1995, p. 12). O pós-estruturalismo tornou-se, desse modo (e por outras tantas razões que extrapolariam o tamanho determinado deste texto se comentadas), fundo teórico para todos os trabalhos que têm como objetivo investigar minuciosamente a obra poética da autora.

No entanto, ao mesmo tempo em que o texto de Ana Cristina se mostra adequado a essas ideias, permitindo esse tipo de abordagem, nota-se que algo da dimensão obcecada da escrita da poeta se perde nessa teoria. Ao salientar as ideias de pluralismo, de abertura infinita, de intertextualidades, trabalhadas por aqueles pensadores, e transpô-las na poesia de Ana Cristina Cesar, a crítica acaba por se afastar da pergunta que, a meu ver, conduz *A teus pés*.

A fragmentação do texto da poeta é comumente entendida pela crítica como a formalização de uma noção de literatura, isto é, formalização da certeza de que não há como se transmitir qualquer Verdade, de que não é preciso buscar qualquer sentido nas entrelinhas do texto, pois elas sequer existem. Porém, acredito que essa linguagem fraturada de Ana Cristina em *A teus pés* é mais uma resposta, que se dá como exercício formal, a uma determinada (e grandiosa) pergunta, não uma crença absoluta na impossibilidade de se narrar um poema linearmente.

É importante ressaltar, também, que, o reconhecimento de uma pergunta originária, que percorre todos os textos de *A teus pés*, não significa que é “só” por isso que os poemas se relacionam, que é somente tendo em vista essa questão que se apreende a obra. É claro que é possível extrair daqueles poemas e prosas ali presentes diversas questões, sendo essa a força enorme desse livro: a vontade de permanecer em movimento, de prolongar um contato.

É preciso, assim, realizar a passagem da importância do fragmento em Ana Cristina Cesar para a importância de sua obsessão por com quem se fala, tendo o fragmento mais como um paradigma do encontro ou desencontro dentro da relação com um outro indefinido e desconhecido, do que como estilo de se compor a si mesmo como sujeito cindido.

No mesmo viés, salienta-se, por fim, que a questão entendida aqui como gatilho para a escrita dos textos que compõem *A teus pés*, ainda que se mostre, como a escrita obcecada evidencia, impossível de ser respondida com precisão, ela não cessa de ecoar como uma possibilidade de mudança da relação que comumente se estabelece com a poesia. Retirar o foco da construção do eu para colocar na comunhão com o outro, muda o sentido da noção de fragmentação, e transforma o trabalho de Ana Cristina com a forma numa pesquisa poética com um alcance e intenção muito mais fortes. É, inclusive, uma alteração na relação com a poesia, pois a poesia como o espaço de construção de uma subjetividade deixa de ser baliza de leitura, uma vez que o centro passa a ser construção não mais de uma subjetividade, mas da intersubjetividade.

Referências bibliográficas

CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução por Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SÜSSEKIND, Maria Flora. *Até segunda ordem não me risque nada: os cadernos, rascunhos e a poesia-em-vozes de Ana Cristina Cesar*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.